

**CHARLOTTE
VAN DEN BROECK**

**PROJETOS
ARRISCADOS**

TREZE HISTÓRIAS DE ARQUITETURA TRÁGICA

ELSINORE

ÍNDICE

9

I – Piscinas Municipais, Stadspark, Turnhout
(2005–2011)

ARQUITETO ANÓNIMO

—

37

II – Igreja de Saint-Omer, Verchin (1607–1676)

JEAN PORC († 1611)

—

57

III – Edifício dos Correios, Telégrafos e Telefones,
Ostende (1947–1953)

GASTON EYSSELINCK (1907–1953)

—

79

IV – Ópera Estatal de Viena (1861–1869)

EDUARD VAN DER NÜLL (1812–1868) E AUGUST SICARD
VON SICARDSBURG (1813–1868)

—

103

V – San Carlo alle Quattro Fontane, Roma (1634–1677)

FRANCESCO BORROMINI (1599–1667)

—

129

VI – Biblioteca Nacional de Malta, Valeta (1786–1796)

STEFANO ITTAR (1724–1790)

—

157

VII – Villa Ebe, Nápoles (1922)

LAMONT YOUNG (1851–1929)

—

181

VIII – Quartel Rossauer, Viena (1864–1869)

KARL PILHAL (1822–1878)

—

191

IX – Fort George, Ardersier, Escócia (1747–1769)

WILLIAM SKINNER (1700–1780)

—

211

X – Museu e Galeria de Arte de Kelvingrove, Glasgow
(1888–1901)

JOHN WILLIAM SIMPSON (1858–1933) E EDMUND JOHN

MILNER ALLEN (1859–1912)

—

239

XI – Pine Valley Golf Course, Pine Valley (1910–1918)

GEORGE ARTHUR CRUMP (1871–1918)

—

271

XII – Crandall's Knickerbocker Theatre, Washington D. C.
(1917–1922)

REGINALD WYCLIFFE GEARE (1889–1927)

—

305

XIII – Jardim de Esculturas Cinéticas de Kempf, Colorado
Springs (desde 1978)

STARR GIDEON KEMPF (1917–1995)

—

333

Agradecimentos

*Na verdade, «hoje» é uma palavra que só os suicidas
deveriam poder utilizar, para todos os outros não
tem sentido nenhum, para estes «hoje» é pura
e simplesmente a designação de um dia qualquer.*

INGEBORG BACHMAN, *Malina*
[trad. Helena Topa]

*Architecture is a hazardous mixture
of omnipotence and impotence.*

REM KOOLHAAS & BRUCE MAU, *S, M, L, XL*

*But suicides have a special language.
Like carpenters they want to know which tools.
They never ask why build.*

ANNE SEXTON, «Wanting to Die»

|

PISCINAS MUNICIPAIS,
STADSPARK, TURNHOUT
(2005-2011)

ARQUITETO ANÓNIMO



Por sorte caiu de costas e manteve a boca à tona da água. A duas semanas de fazer dezasseis anos, Nathalie C., da localidade vizinha de Retie, ficou presa pelo seu comprido rabo de cavalo no sistema de aspiração da piscina para crianças. O incidente ocorreu numa concorrida tarde de domingo quando a piscina principal estava demasiado lotada para se poder treinar. Nathalie e o tio vieram até Turnhout de carro. Enquanto aguarda que uma pista de vinte e cinco metros fique livre, ela brinca com o tio e o primo pequeno na parte pouco profunda da piscina das crianças. Está sentada de costas viradas para a parede quando sente um forte puxão no cabelo. Bate violentamente com a nuca na borda de pedra. Num primeiro reflexo, Nathalie tenta levantar-se, mas uma dor forte impede-a. Agarra o rabo de cavalo — instintivamente cobrimos a parte que nos dói com as mãos —, mas onde devia estar o cabelo só encontra a nuca presa na parede da piscina.

Apesar de não ter havido perigo imediato de afogamento, a verdade é que durante aqueles instantes de aflição, desde o momento em que o rabo de cavalo ficou emaranhado na bomba de filtragem e o da sua libertação, Nathalie ficou numa posição extremamente desconfortável.

Foi o responsável pela piscina, Bert P., o primeiro a acudir. A solução evidente era cortar o rabo de cavalo, mas quanto mais Nathalie resistia com todas as suas forças, mais aumentava

a pressão nos cabelos presos. A cada momento, o seu couro cabeludo podia ser arrancado do crânio. Além do mais, o seu espremer não permitia que Bert P. posicionasse corretamente a tesoura para o corte libertador. A rapariga chora e berra, os seus gritos tanto podem ser de dor intensa como de protesto.

Enquanto responsável pela piscina, Bert P. está habituado a agir em momentos de crise. Sem tentar interpretar os gritos, decide cortar o rabo de cavalo sem dó nem piedade. O tio e alguns espectadores preocupados cuidam de Nathalie. Enrolam-lhe uma toalha na nuca. Com a tesoura numa mão e o rabo de cavalo na outra, Bert P. constata o que terá acontecido: exatamente no lugar onde a cabeça de Nathalie ficou presa na borda da piscina, o sistema para a medição do cloro possui um ponto de sucção protegido por uma pequena placa de quatro milímetros de grossura. Acontece que a placa não estava bem aparafusada, o que fez com que o cabelo de Nathalie tenha sido sugado pelo sistema de aspiração.

Logo a seguir a esta constatação, Bert P. não hesita e esvazia a piscina das crianças. Depois volta a fixar a placa. Desta vez tem o cuidado de apertar bem os parafusos. E o problema fica resolvido.

Nathalie não sofreu ferimentos graves, apesar de se sentir muito mal depois do incidente. «Na realidade não foi bem dor o que senti, mas fiquei muito assustada», diz numa entrevista para um canal televisivo regional.

Na sua festa de anos, vejo que colocou uma grande flor artificial para tapar a falta de cabelo na nuca. Ficava horrível, mas só nas costas dela fizemos esse comentário.

Desde a inauguração, em outubro de 2005, que as piscinas do Stadspark nunca estiveram abertas mais do que três meses consecutivos. Todo o tipo de defeitos invulgares motivou

uma série de encerramentos temporários: desde falhas no sistema elétrico e abatimentos do solo, a cenas bíblicas em que a água de repente se transformou em leite.

O recém-construído complexo de piscinas, que custara os olhos da cara e que tantas vezes se encontrava fora de serviço, não tardou a causar indignação nas redondezas. Dez milhões de euros foi quanto custara, e nunca estava aberto. Sobretudo os nadadores habituais não obtiveram respostas para muitas das suas perguntas, sendo que a mais importante era saber se o dinheiro da assinatura lhes seria devolvido.

Na época, grande parte da polémica e da duvidosa política camarária em relação ao assunto das piscinas passaram-me ao lado. Quando em 2009, escassos quatro anos depois da inauguração, se tornou dolorosamente evidente que, devido a constantes avarias elétricas e fugas de água, as piscinas iam encerrar de vez, já eu estudava em Gante e tinha outras coisas em que pensar, como a literatura universal ou o meu progressivo desenraizamento. Uma vez por semana ia nadar na belíssima piscina *art déco* junto do Portus Ganda, no centro da cidade. O solo pantanoso da minha terra natal e tudo o que me sugava na sua direção dissolviam-se lentamente, assim como nele se afogavam as piscinas de Turnhout. Literalmente.

As caldeiras, entre outros equipamentos, situavam-se nas caves. De forma impercetível, mas constante, as caves afundavam-se no subsolo lodoso. Os sensores de segurança da rede elétrica, fixados a três quartos de altura das paredes, eram ultrassensíveis, mas não estavam na melhor posição: só funcionavam em caso de fuga de água vinda de cima, das piscinas, e não em caso de subida de águas subterrâneas, vindas de baixo. A colocação demasiado alta dos sensores permitia que a água do subsolo enchesse grande parte da casa das máquinas

antes de estes serem ativados. Chegado a esse ponto, os diversos equipamentos já se encontravam irremediavelmente cobertos de água, e os nadadores poderiam ser eletrocutados na piscina, lá em cima.

Claro que entre os frequentadores das piscinas e os outros contribuintes surgiram teorias e especulações sobre o encerramento, mas, graças a uma hábil gestão mediática, as autoridades municipais conseguiram ocultar a inundação da cave. Em vez disso, o debate público era dominado pelas mais diversas e vagas causas técnicas.

Em outubro de 2009, afixaram uma faixa por cima da entrada do complexo das piscinas:

ENCERRADO DEFINITIVAMENTE ATÉ NOVA ORDEM
PARA TRABALHOS DE MANUTENÇÃO

Era como se as autoridades quisessem demonstrar a sua própria razão com este aviso, independentemente do que o futuro ditasse.

Nos meses seguintes, realizaram todo o tipo de estudos a fim de melhorar o sistema elétrico. Consultaram diversos especialistas. Até chamaram um professor catedrático. Fizeram estimativas dos custos e reuniram inúmeras vezes ao final do dia. Tudo na esperança de fixar uma nova data para a reabertura. Esta chegou: em janeiro de 2011, as piscinas voltaram a abrir após um ano e meio de encerramento.

Foi sol de pouca dura. Em abril voltaram a pendurar a faixa. Desta feita com uma mensagem adaptada:

ENCERRADO DEFINITIVAMENTE ~~ATÉ NOVA ORDEM~~
PARA TRABALHOS DE MANUTENÇÃO

Quantas vezes frequentei eu a piscina? Não o suficiente para justificar o significado que agora dou a este *lieu de piscine*. Em minha defesa: muitas vezes só descobrimos *a posteriori* o que devíamos ter guardado na memória, só que nessa altura já é tarde demais para apagar aquilo que preferíamos ter esquecido. Ou vice-versa, como neste caso. No entanto, a primeira vez que frequentei a piscina nova ficou gravada na minha memória. Deve ter sido uns seis meses depois da inauguração, em julho de 2006. Acabo de fazer catorze anos, ninguém me vigia, pela primeira vez estou fora de casa, sem os meus pais. Sob as cuecas vermelhas do biquíni, as minhas ancas começam a ganhar forma. A parte de cima é um pedaço de tecido triangular em poliéster cor de laranja cujo ângulo agudo aponta para o meu umbigo nu. O cabelo, apanhado numa trança, quase toca no meu rabo. Do lado de dentro do pulso tenho uma tatuagem tribal adesiva que me saiu numa embalagem de batatas fritas. Gostaria tanto de ter um biquíni novo, de preferência com perna subida e duas peças separadas para os meus seios inexistentes, como o de Eef, que mais adiante está a brincar na água com Max, o seu vizinho — ela veste um tamanho B com copas. Max tem dez anos e é rechonchudo, tem uma cara amorosa, cheia de sardas e um sorriso atrevido. Quando se sente aborrecido, tenta tocar-nos em sítios que na realidade não lhe interessam, mas que sabe serem embaraçosos para nós. Os seios de Eef são o seu alvo principal.

Na verdade, está demasiado frio para nadar no exterior, mas a piscina coberta está encerrada — avaria técnica, ou coisa que o valha. Eef e Max brincam na piscina exterior. Eu estou deitada em cima da toalha no relvado mais à frente. Pele de galinha, copinho de leite, lingrinhas é o veredicto do olhar cruel com que uma rapariga de catorze anos olha para o seu corpo. Além disso, a minha barriga parece inchada. Encosto-me para

trás, apoiada sobre os cotovelos, a fim de disfarçar o inchaço imaginário. Ninguém me observa em particular, sou quase invisível, mas os olhos de todos os nadadores da piscina exterior estão cravados na minha pele. Empino o meu peito liso, caso alguém queira olhar.

— Max, chega, pára com isso! — ouço Eef gritar. Apoiada nos cotovelos, na orla do relvado junto à piscina exterior, consigo ver o salgueiro-chorão solitário no campo vizinho. Em julho, o trigo do velho campo de feno chega a atingir a altura dos joelhos. De onde estou, as espigas parecem tocar a parte inferior dos ramos curvos do chorão, como se, no lugar onde se tocam, a imagem fosse fechada com um fecho de correr e perdesse profundidade, como uma tela de um aprendiz que ainda não domina a perspetiva.

Estou a ler uma adaptação moderna de *Abélard et Héloïse*, que se desenrola em Nova Iorque — nesta versão chamam-se Arthur e Lois. Nas aulas de latim, acabámos de traduzir a história de Hero e Leandro. Acho que amores impossíveis ligam bem com chorões. A combinação dos dois atíça a chama-piloto do meu coração ainda por desabrochar.

Encolho os cotovelos e deito-me de costas, empurro o queixo contra o peito a fim de ver o chorão rente por cima das espigas. Desta posição elas parecem trepar pela árvore. Enrolam-se nos ramos como cordas. Do maior ramo na folhagem paira uma força de feno.

Uma tarde eterna. Cores intensas. Ninguém trabalha. *Peter Getting Out of Nick's Pool* (1966). Sol californiano a refletir num rabo masculino nu. As pinturas de David Hockney celebram a piscina no jardim das traseiras como um lugar de culto do lazer, da prosperidade e da liberdade sexual.

Agosto de 2017. Visito a exposição temporária no Centre Pompidou. Num impulso, meti-me no carro e fui até Paris. Nas últimas semanas tinha estado a trabalhar como uma louca numa série de poemas que me fora encomendada. E antes disso tivera um ano muito sobrecarregado e o ano anterior também tinha sido esgotante. Mal consigo recordar-me dos tempos em que não tinha tantas obrigações. Estou sempre cheia de trabalho. Provavelmente estou exausta, mas recuso-me a admiti-lo. Em vez disso, estou constantemente mal-humorada por nada. O melhor remédio é observar obras de arte. Para recarregar energias, estudo as superfícies em cor-de-rosa, azul ou amarelo de Hockney. *A Bigger Splash* (1967): formas simples, um mergulho lúdico, uma paleta alegre. O sol está fora do quadro, mas deve ser abrasador, a julgar pelas cores derretendo com o calor. Tudo isto parece tão longe, fora de alcance, uma vida simples com uma piscina.

A tela *Portrait of an Artist – A Pool with Two Figures* (1972) representa um homem em pé, suponho que seja o próprio Hockney, na borda de uma piscina. O jardim dá para uma paisagem pitoresca, montanhosa, verde, que respira. Porém, o homem à beira da piscina não admira a paisagem, mas olha para baixo, para a figura nua e reluzente na água a nadar na sua direção. A refração da luz forma fissuras de mármore na água. O nadador está como que petrificado numa poça de azul. Não parece provável que volte à superfície e olha para o seu espectador. Será o olhar do homem que o prende debaixo de água, ou sou eu que vejo jaulas em todo o lado?

Deambulo pela exposição, passo por cenas e cores, por colagens e desenhos a lápis, por influências da *Pop art* e resistência a elas, pelos retratos dos homens que marcaram a vida de Hockney — as eternas nádegas marotas, as piscinas recorrentes,

as datas. Uma vida refletida na obra. Sessenta anos de pinceladas, uma forma de levar a vida.

A última sala exhibe a instalação de vídeo de Hockney *The Four Seasons*. Quatro paredes viradas umas para as outras formam um espaço fechado. Pela abertura entre dois painéis, deslizo lá para dentro. No interior, cada parede é composta por nove ecrãs diferentes, os quais, juntos, formam uma imagem integral em movimento. Sento-me num banco em frente à parede onde é projetado o inverno.

Woldgate Woods, Winter, 2010 — A câmara avança por um caminho florestal coberto de neve, à velocidade de um condutor cauteloso. Anteriormente, já algum veículo deixara marcas de pneus no tapete branco. A estrada é ladeada por árvores nuas cobertas de geada e de neve. Observo, o movimento arrasta-me para dentro da imagem, da paisagem, da brancura, e eu transformo-me no observador, transformo-me no condutor e, ao mesmo tempo, na câmara que segue lentamente o caminho para o interior da floresta. No entanto, parece que não percorro nenhuma distância, porque a paisagem, à medida que avanço mais para o âmago desta, não se altera, pelo menos assim parece, porque subitamente, antes de me dar conta, o caminho coberto de neve não se estende apenas no ecrã à minha frente, mas também atrás de mim. Estou sentada num banco do museu, mas também no meio da neve, mergulho mais fundo na paisagem branca — não, deixo-me puxar para dentro da brancura pelo contínuo movimento para a frente, pelo olhar hipnotizante. Em sincronia com o lento movimento da câmara, sinto, enquanto sou arrastada pela paisagem, um rasto salgado a atravessar o meu corpo, como lágrimas percorrendo um idêntico caminho coberto de neve nas minhas entranhas. Meu Deus, estou tão cansada. O branco é tão puro.

Pouco tempo depois do encerramento definitivo das piscinas em 2011, começaram a circular boatos nos cafés de Turnhout. Amigos de outrora trouxeram estas histórias para Gante. Ou talvez não tenha sido assim; talvez eu tenha ouvido os boatos, um dia, ao balcão do Café Ranonkel, quando estava de regresso a casa na região de Kempen. Se eu já sabia do arquiteto das piscinas? No rescaldo da enésima avaria, ele ter-se-ia suicidado. Conforme a pessoa, ou o lugar que ocupava na sequência dos contadores da história, o arquiteto enforcara-se na cave inundada, no exato local do seu fracasso. Humor negro.

Se era verdade ou não o que tinha acontecido ao infeliz arquiteto, rapidamente passou a ser secundário, já que a história era bastante plausível. Uma pessoa capaz de fazer recair sobre si o falhanço público das piscinas de Turnhout, que revela tanta incompetência profissional, que desrespeita os cidadãos e o erário público, não deverá ela pagar o derradeiro preço? Acreditavam, ou pelos vistos queriam fazer acreditar, que um erro de construção tinha levado o arquiteto ao suicídio, convicção esta suficientemente verdadeira para justificar a transmissão desta versão dos factos. Um mito urbano em potência que cada vez que era contado se tornava mais convincente. Era verdade porque achavam que era verdade, e, tal como a história do assassino escondido na mala do carro apavora tantas gerações sentadas à volta da fogueira, apela a um medo universal. Assassinos na mala do carro metem medo. Arquitetos que falham matam-se.

Para dizer a verdade, só anos mais tarde me apercebi da crueldade do raciocínio que conduzia à história do suicídio. Penso que no princípio não questioneei a sua veracidade. São coisas que podem acontecer aqui em Turnhout. Mais tarde, quando eu própria uma vez contei esta história, condimentei-a

com uma certa propensão para a tragédia romântica negra, apresentando o arquiteto como um artista falhado e o fracasso da sua criação como um símbolo do seu próprio fracasso.

Nas versões mais sentimentais que circulavam, o arquiteto era analisado numa perspectiva psicológica, não como um artista trágico, mas como o filho incompreendido de um arquiteto famoso da Escola de Turnhout — o movimento modernista que colocou a nossa vila no mapa arquitetónico nos anos sessenta. Teria sido através do pai que ele recebera a prestigiosa encomenda para realizar o projeto das piscinas municipais. Uma grande oportunidade para se poder afirmar no seu *métier*, independentemente do seu ilustre apelido. Não apenas o seu próprio fracasso, mas também o fracasso aos olhos do seu pai e mestre o teriam levado a uma situação de tão profundo desespero. Por isso podemos ser tão cruéis com as pessoas de quem suspeitamos que recebem as oportunidades de bandeja.

Conversa de café. Boatos provincianos. Ajuste de contas. Certo é que havia um sentimento de mal-estar por causa das piscinas, e o ressentimento precisa sempre de um alvo. As pessoas estavam mortinhas para apontar o dedo ao arquiteto. Afinal fora *ele* quem fizera o projeto das piscinas dessa forma, com a sala das caldeiras na cave, naquele sítio pantanoso. Talvez fosse impossível reparar o erro, o fracasso estava consumado, mas a pessoa que cometera o erro devia assumir a responsabilidade absoluta, pelo menos na versão romanceada da realidade. O suicídio na cave, verdadeiro ou não, tornava-se mais verídico cada vez que era contado e a cada nova distorção. Seja como for, nunca ninguém se perguntou se esta história forneceu alguma vez prova da sua veracidade. É aqui que reside o veredito popular.

Cada vez que desço as escadas seja de que piscina for, tenho de passar por dois fantasmas das minhas recordações. Eu e ele, para sempre com dezasseis anos. Numa tarde de domingo, os dois entrelaçados encostados à borda da piscina de Turnhout. Flutuo na água, as minhas pernas rodeiam a cintura dele, as suas mãos sobre o meu rabo e dali os seus dedos começam a explorar por dentro das cuecas do meu biquíni. Sinto-o a endurecer entre as minhas pernas dentro dos seus calções cor de laranja. Debaixo de água não se sente tanto a fricção, mas mesmo assim aperta-me com tanta força contra ele que receio ficar com uma nódoa negra. Beijamo-nos sem parar, como máquinas de lavar, dando voltas e mais voltas com a língua. Entre dois beijos diz-me que sou *sexy*, mas não tenho a certeza disso porque ele está de olhos fechados quando o diz. Quero que ele olhe para mim. Quanto a mim, nem me atrevo a olhar para ele. Mantenho os olhos bem cerrados e lembro-me de um artigo que li recentemente numa revista sobre uma rapariga que teve sexo debaixo de água com o namorado. Ficou com o pénis preso dentro dela, selado a vácuo. Foi muito embaraçoso. Considero as opções, no caso de nos acontecer algo idêntico. Podíamos fugir e juntar-nos a um circo ambulante com o número *Siamese Lovers*. Estou apaixonadíssima por ele, comecei há pouco tempo a tomar a pílula e estou em chamas. As crianças que afugentamos, os adultos que embaraçamos, quero lá saber. A piscina pública é o prolongamento do meu quarto, onde também não tenho privacidade. A minha mãe obriga-me a deixar a porta aberta quando estou com ele deitada na cama.

Só quando ouvimos pessoas a gritar é que reparo no mundo à nossa volta e afasto-o de mim. Do lado oposto, um grupo de pessoas reuniu-se em torno do nadador-salvador, que está deitado no chão, todo encolhido. Há sangue no pavimento

antiderrapante. Dois rapazes desaparecem pelo corredor que conduz aos balneários. Pouco depois, o nadador-salvador é levado numa ambulância. Toda a gente tem de sair da água. Como o corredor dos balneários é considerado parte do local do crime, temos de nos vestir atrás das barreiras de acesso, na entrada.

Resultado, uns cem nadadores a escorrer água aguardam em pé. A polícia interroga todas as testemunhas. Aparentemente, o nadador-salvador teria expulsado da água um desordeiro de doze anos, e o miúdo foi chamar o irmão — tipo urso insuflado —, que em seguida agrediu violentamente o nadador-salvador. Outros afirmam que o nadador-salvador não conseguia dominar o rapazito e o agarrou pelo pescoço a fim de o calar, ao que o irmão mais velho resolveu acudir em defesa dele. Nas imagens gravadas pelas câmaras de vigilância só se vê o nadador-salvador de costas para a câmara, em frente do miúdo, antes de ser atacado por trás pelo agressor.

Depois de hora e meia de espera, contámos entre risinhos ao agente que não tínhamos visto nada do que se passara por estarmos na marmelada. Mandaram-nos embora.

O nadador-salvador ficou com uma fratura no malar e outra no pé. Os dois rapazes não foram identificados. As piscinas permaneceram fechadas durante alguns dias.

O arquiteto que fez o projeto das piscinas não tem nome. Pelo menos, eu não o encontrei nas notícias publicadas. De uma forma ou outra conseguiram manter a sua identidade longe dos jornais. Este truque de ilusionismo alimenta ainda mais a história do seu suicídio. De vez em quando, lá surge alguém que afirma saber quem ele era. Saber é poder, também na cultura de café. Partilhar um bom segredo pode render uma rodada, ou no mínimo ter alguém que se sente ao nosso lado ao balcão e

nos faça companhia. Assim, segundo Rob V., cliente habitual do Café Ranonkel, o arquiteto não era filho de um arquiteto famoso, mas sobrinho de um vereador da oposição municipal à época. Por sua vez, René M. assevera que o arquiteto nem sequer era de Turnhout e que certamente não se suicidou. O empreiteiro, por seu lado, desapareceu sem deixar rasto depois do encerramento das piscinas. Já Stan W. tem a certeza e jura que foi o empreiteiro que se matou depois de ter sido injustamente acusado.

Entretanto, o processo jurídico dura há quase sete anos. O município apresentou um pedido de indemnização avultado. As partes envolvidas chegaram a um acordo: não podem ser divulgadas nenhuma informação relacionada com o caso.

Um antigo vereador conta-me que o empreiteiro previra o problema, mas que ninguém lhe deu ouvidos. As piscinas tinham de ficar prontas quanto antes e devido à pressa foram cometidos erros. Ele não quer falar mais sobre o assunto e termina dizendo: «O município fez-nos passar por parvos.»

Também o presidente da câmara cumpre rigorosamente o embargo à informação concreta a respeito do caso. Quando pergunto qual foi o motivo exato para o encerramento definitivo das piscinas, ele contorna habilmente o assunto com talento retórico: «Avarias nas instalações técnicas, devido a problemas.»

Não acredita muito na história do arquiteto, mas não lhe é permitido dizer mais, uma vez que o processo está a decorrer. Em vez disso, mostra-me algumas fotografias do novo escorrega aquático.

Danny morava na Driekuilenstraat, uma travessa de sentido único paralela à rua onde moram os meus pais. Sempre que

peço uma *Duvel* lembro-me dele. Todos os dias, por volta do meio-dia, ia até ao bar da piscina beber. Percorria os dois quilómetros até ao Stadspark numa cadeira de rodas elétrica. Por intermédio do Centro Público para a Ação Social conseguira obter uma de graça por sofrer de obesidade e de fígado gordo. Acalentava a doença e o direito ao subsídio bebendo diariamente doze a catorze garrafas de *Duvel*. O meu pai diz que ele chegava a beber uma grade por dia, mas às vezes os factos parecem mais inacreditáveis do que a ficção.

Seja como for, enquanto bebia estava sempre sentado à janela que dá para a piscina. Ficava a olhar para os nadadores, sem segundas intenções. Nunca se tornou inconveniente ou ordinário. Pura e simplesmente bebia até cair. No final da visita diária, exalava um odor azedo, às vezes misturado com urina. Tirando isso, era um cliente bem-educado, uma fonte de rendimentos fiável para um bar pouco convidativo, onde até o *croque-monsieur* é intragável.

Quando, às cinco horas, voltava para casa na cadeira de rodas, a mulher já lhe tinha preparado um frango assado, que devorava com a pele e tudo. Depois deitava-se. Só se levantava perto do meio-dia do dia seguinte para começar a mesma rotina. Não sobrava dinheiro para a mulher se divertir. O subsídio dele e a pensão dela davam para pagar as despesas e as *Duvels*. Para os gastos imprevistos, ela fazia limpezas e era paga em dinheiro vivo. Aos domingos, Danny geralmente ficava mais tempo no bar para assistir às competições de natação. O que mais gostava de ver era o *crawl*.

Neste específico domingo, o árbitro suspendeu a competição por ordem do departamento desportivo. Alarmado pelo incidente, Danny — apesar de já ir na décima quarta garrafa de *Duvel* — acorda do seu torpor. Pela janela vê Bert P.,

o responsável pelas piscinas, pregar um raspanete aos membros do clube de natação. O que ele no bar não consegue ouvir é que os nadadores tinham atirado distraidamente as toalhas e os sacos para a beira da piscina, tapando acidentalmente grande parte da grelha do sistema de ventilação (o clube tem trezentos nadadores). A obstrução provocada pelos sacos e pelas toalhas fez com que em menos de meia hora a humidade atingisse os oitenta por cento, fazendo com que o ar se tornasse abafado e pesado, e causando tonturas.

O departamento desportivo e o árbitro repreendem os membros do clube de natação, mas é Bert P. que perde completamente as estribeiras, insultando-os e chamando-lhes todos os nomes, como se estivesse a lidar com uma escumalha em vez de chamar a atenção aos nadadores amadores adultos do seu descuido. Alguns membros viram-se contra ele. Em poucos segundos a tensão aumenta. Apesar de toda aquela comoção, conseguem evacuar a piscina passados dez minutos.

Posteriormente, Bert P. admite que reagiu de forma demasiado impulsiva e propõe uma reflexão construtiva para encontrar uma solução futura: talvez alguém possa ficar a tempo inteiro junto das escadas a fim de evitar que entrem com sacos ou toalhas?

Depois da evacuação, a humidade do ar baixa rapidamente para cinquenta por cento, no entanto resolvem manter a piscina fechada durante o resto do dia, não vá o diabo tecê-las.

No dia seguinte, à hora de abrir a piscina aos nadadores matutinos, os empregados dão de caras com a cadeira de rodas elétrica à entrada do bar muito antes da hora de abertura. Mais tarde, a mulher de Danny confirma que o marido de facto não regressou a casa na noite anterior. Esperou até o frango ficar frio e depois pensou: *Ora, que se lixe...*

O blogue *Turnhout de Outrora* transborda de nostalgia. Por baixo de uma fotografia em sépia das piscinas exteriores do Parque da Cidade (três piscinas e uma pequena fonte), leio as seguintes reações:

É com saudade que me recordo das piscinas exteriores do Parque da Cidade. Custa-me a crer que elas já não existam. Cada vez que vou ao Parque fico de coração partido ao lembrar-me de como era nos bons velhos tempos, como é agora e como nunca mais há de ser...
(W. P. — 29/06/2012 — 18h17)

Resposta:

Caro W. P., não havia outra solução. Todas as piscinas estavam ligadas à mesma instalação elétrica. Os problemas nas piscinas interiores não podiam deixar de ter consequências nas exteriores. Se as piscinas ao ar livre continuassem abertas, de certeza que iriam sofrer novas avarias. Fico contente por saber que ao menos se conseguiu evitar isso. (D. V. — 17/07/2012 — 8h34)

Resposta:

Grande treta. O problema é que a administração sempre achou que uma piscina interior moderna fazia falta e nunca quiseram ter em conta os argumentos a favor de uma piscina simples e espaçosa no exterior. Um verdadeiro habitante de Turnhout não precisa de nadar em água aquecida. (M. V. — 02/04/2017 — 22h32)

Sete e um quarto, água fria, curto-circuito. Há quatro horas que estou acordada. Nunca frequentei uma piscina pública tão cedo. Ontem à noite o meu namorado deixou-me, estas são as primeiras horas de desespero e há uma hora e meia que estou a nadar. Sinto-me vazia. Braços e pernas: pesados. Peito: ofegante. Barriga: dor de burro. Pele: enrugada da água tratada com cloro. Boca: não afogada. Lábios: rente à superfície da água. Não há namorados a flutuar junto à borda da piscina.

No autocarro para casa adormeço e não dou pela paragem onde devia sair. Acordo em casa na minha cama para logo voltar a adormecer profundamente, um sono que me arrasta até ao fundo da piscina. Estou novamente na pista dos vinte e cinco metros. Braçada após braçada, nado até ao lado oposto. No sonho, o tempo narrado e o tempo da narrativa coincidem, e não tardo a confundir o sonho com a minha natação de há pouco. Subitamente o movimento torna-se mais difícil, a água ficou mais espessa. Quando chego a meio da pista, não consigo avançar mais. A água ganhou uma cor leitosa. Não há outros nadadores, não há testemunhas. O leite está quente, cada vez mais quente, a temperatura da água leitosa à minha volta aumenta sensivelmente e deixo-me submergir. É só por um instante, digo, e mergulho no calor branco e espesso. Até me lembrar de que preciso de respirar e, em pânico, volto a nadar para cima. Ao chegar à superfície embato numa membrana movediça, maleável: cede quando a empurro, mas não se rompe. Não há saída. Não consigo romper a película que cobre o leite quente.

BANHO DE LEITE é o cabeçalho do jornal uns dias depois, na quinta-feira, 11 de junho de 2009. Na tarde de quarta-feira, a água da piscina principal do Parque da Cidade de Turnhout ganhou uma tonalidade leitosa. Ao princípio, o coordenador

das piscinas, Peter R., não se mostrou preocupado: «Em caso de grande afluência, há substâncias que entram em contacto com a água e que podem alterar a sua cor. É costume acontecer no verão», tranquiliza.

Mesmo assim, houve pânico entre os nadadores. Uma criança, enquanto brincava com o pai na parte menos funda da piscina grande, engoliu um pirolito de água leitosa e em seguida vomitou várias vezes. Diversos nadadores testemunharam que a água tinha um odor químico suspeito. Uma senhora idosa por pouco conseguiu ser puxada para a borda antes de ter um ataque; ela pensou que Nosso Senhor tocara na água para a transformar em leite, como Cristo transformara a água em vinho.

Quando meia hora mais tarde os últimos nadadores resolveram sair da água por precaução, uma avaria elétrica bloqueou o sistema de leitura das pulseiras de acesso. Decidiram então evacuar de imediato a piscina.

Na manhã seguinte, a água continuava turva e esbranquiçada. Receava-se que tivessem entrado águas residuais recicladas nas piscinas, água que geralmente é usada para lavar os chuveiros e para fazer a descarga das sanitas. Peter R. reage: «Na realidade é água limpa, só que não é suficientemente limpa para se nadar nela.»

Um dia mais tarde, o Instituto Provincial para a Higiene virá recolher amostras. Os resultados dos testes só serão conhecidos após quarenta e oito horas, no mínimo. De momento, as piscinas vão manter-se encerradas até segunda-feira. Até lá não há mais nada a fazer senão filtrar, filtrar e filtrar a água branca.

Boas notícias: o filtro feito à medida, que há de resolver alguns problemas estruturais da piscina, vai chegar antes da data prevista.

Mal o filtro seja entregue, será testado durante alguns dias. Vão tentar prever que aspeto teria a água depois de milhares de pessoas nadarem nela. Tudo depende dos resultados, mas é possível que a piscina seja reaberta ainda antes das férias de Natal.

Só que durante as férias de Natal de 2009, a piscina continua fechada, bem como durante o mês de janeiro de 2010. Receia-se que a piscina principal vazze que nem uma peneira, com a água a infiltrar-se pelas juntas dos ladrilhos e depois pelo betão até à sala das caldeiras, onde pinga em cima das ligações elétricas. Por enquanto, ninguém quer admitir que vão ter de pôr betão novo.

«Vocês dizem que o betão está a deixar passar a água, nós achamos que pode haver fugas. Existem fendas, buracos e perfurações que podem provocar as fugas de água na cave. Lembrem-se disso e, já agora, olhem um pouco mais para lá do que querem ver. Porque é que a gente desta maldita vila tira conclusões precipitadas antes de ter a certeza», diz o porta-voz do departamento de comunicação.

No décimo volume das obras completas de Charles Darwin leio como a emoção se expressa nos humanos e nos animais. Ele fala de *grief muscles* ou «músculos do desgosto». Estes músculos situam-se no rosto e são estimulados quando somos confrontados com a morte, o desgosto ou o malogro. Seguindo a lógica racional em voga no século XIX, para Darwin o desgosto consiste numa contração desses músculos, como uma reação física e não uma manifestação externa da vida interior.

Os músculos do desgosto estão interligados. A contração das sobrelanceiras impele os cantos da boca para baixo e afeta a circulação do sangue, tornando a pele mais pálida, fazendo

com que os músculos cedam, as pálpebras caiam e a cabeça se apoie no peito. Os lábios, as bochechas e o maxilar inferior descaem devido ao seu próprio peso. Segundo Darwin, é essa a razão por que em inglês se diz que o rosto de alguém «cai» ao receber más notícias ou perante um fracasso. Aos olhos de terceiros, um fracasso também pode resultar em «perder a face». O nosso rosto cai, perdemos a cara. Já não somos ninguém. Ou, pelo menos, não nos reconhecem como sendo alguém.

São apenas metáforas. Não é preciso dar demasiada importância.

Nos anos de 1990, início de 2000, por não haver piscinas na cidade, as escolas de Turnhout viram-se obrigadas a oferecer aulas de natação em duas vilas próximas. Uma vez quase me afoguei na piscina de Arendonk, mas ninguém me levou a sério.

Na última aula antes das férias tínhamos sempre «aula livre». Brinquedos de cores garridas, alguns de espuma e outros insufláveis flutuavam na água à nossa espera: esparguetes e colchões flutuantes, bolas, pranchas e, a todo o comprimento da piscina, havia um escorrega para deslizar de barriga para baixo. Estava eu sentada num colchão de espuma vermelho juntamente com o gordo da minha turma, à espera da minha vez para deslizar no escorrega, quando ele me disse que estava apaixonado por mim, e, em seguida, assustado com a sua confissão, empurrou-me bruscamente do colchão. Eu não estava a contar com o empurrão, que, por causa do seu peso, foi mais forte do que era sua intenção, pelo que dei duas cambalhotas para trás e fui parar debaixo do colchão. Instintivamente tentei empurrar o colchão para cima, em busca de ar, mas com o gordo sentado nele não consegui levantar o colchão. Entrei logo em pânico. Voltei a tentar levantar o colchão. Não consegui,

e quando me apercebi de que não era capaz, senti algo a formar-se na minha cabeça, que só sei descrever como um fiozinho fino. Senti que um fio, apertado em torno do meu crânio, estava a ser puxado. Como se o ar, que se esgotava lentamente, estivesse compactado nesse fiozinho, e eu tinha de me segurar a esse fio de oxigénio dentro da minha cabeça.

Agora, quando volto a pensar nesses segundos angustiantes debaixo do colchão, assusta-me a facilidade com que desisti e o fraco instinto de sobrevivência que revelei nesse momento.

Suponho que a brincadeira das crianças e a forte ondulação da água à minha volta devem ter feito com que o colchão se movesse. Só quando descobri que o podia deslocar na horizontal, me apercebi de que não estava presa, de modo algum, e que bastava sair de baixo do colchão a nado para me libertar.

Respiro ofegantemente ao vir ao de cima. Deslizo até à escada e uma vez sentada na borda choro até esgotar as lágrimas. O professor de natação, que exercia várias funções, era também meu professor de Ginástica e responsável pelas atividades extracurriculares, e veio consolar-me. Quando lhe contei que quase me tinha afogado por baixo do colchão vermelho, respondeu: «Claro que não.»

No dia 18 de abril de 2011, as piscinas voltaram a abrir ao público depois de terem estado fechadas durante quatrocentos e quarenta e três dias. Pelas sete da manhã, uma quantidade razoável de nadadores está junto à entrada.

Todos os que na altura do encerramento, em 2009, possuíam uma assinatura, vão hoje receber uma prorrogação gratuita como compensação. Uma centena de pessoas passa pelo balcão a fim de carregar o cartão com os dias a que tem direito.

Ao meio-dia e um quarto, há uma fila de cerca de quarenta nadadores que aguardam junto dos portões eletrônicos para verificar as pulseiras de acesso. O sistema vai abaixo.

Após vinte minutos de espera, detetaram o fusível queimado — que fundiu provavelmente devido à sobrecarga do sistema de acesso durante a manhã para prolongar as assinaturas.

Dez minutos mais tarde, os primeiros nadadores estão equipados. No corredor de acesso à piscina são mandados parar. O teor de cloro está ligeiramente alto. Uma parte dos nadadores fica zangada, com razão, e abandona a piscina.

Após uma breve verificação técnica, os nadadores acabam por ser autorizados a entrar na água. Alguns acham que estão a fazer figura de parvos, outros sentem-se sobretudo aliviados por poderem finalmente nadar. Pouco depois dos primeiros mergulhos, as luzes apagam-se. Avaria elétrica. Como o mecanismo dos cacifos só funciona se houver eletricidade, os nadadores são obrigados a esperar na escuridão, em fato de banho, enquanto oitenta alunos em idade escolar aguardam impacientes na entrada.

Eis que descobrem a causa da avaria elétrica. Não comunicam o que correu mal, mas a avaria, ao menos, é corrigida. Depois de se equiparem, os oitenta miúdos saltam à vez das pranchas nas três pistas reservadas e começam os quinhentos metros *crawl*.

Depois de as crianças terem saído da água e de o bar ter fechado, os funcionários do balcão de atendimento tomam uma decisão: devido a problemas imprevistos, o melhor é encerrar a piscina até domingo, dia de competição.

No domingo a competição foi suspensa. As piscinas permaneceram fechadas.

Todos os contratemplos podem ser superados. Poucos anos mais tarde, o encerramento definitivo voltou de novo a ser provisório. Com uma teimosia que não encontrei em mais lugar nenhum, os planos para as novas piscinas foram concebidos para o mesmíssimo lugar, apesar de ser grande a probabilidade de um novo afundamento no mesmo solo pantanoso. A data prevista de reabertura ficou marcada para a primavera de 2014. Desta vez, tudo haveria de correr bem. Já não se tratava apenas de construir uma piscina nova. Mais importante do que isso era a oportunidade de corrigir os erros, encontrar a face perdida de Turnhout e pô-la no seu lugar. As novas piscinas não haveriam de agradar apenas aos nadadores abandonados, mas simbolizariam um novo e bem-sucedido começo. Fundamental no projeto era a mudança para um novo sistema elétrico, a fim de evitar curto-circuitos e avarias nas bombas das águas subterrâneas. Para o efeito, duas novas instalações técnicas serão construídas. Agora será mais fácil monitorizar a ventilação e o tratamento das águas do que no passado.

O antigo escorrega aquático será demolido.

Onde antigamente ficava a casa das máquinas, que tantos problemas causou, vai surgir uma nova, instalada numa plataforma elevada. Neste mesmo nível vão surgir três piscinas infantis, junto ao bar.

A piscina dos vinte e cinco metros será conservada.

A piscina de ondas desaparecerá. No seu lugar vão nascer duas piscinas, uma com o fundo móvel para as aulas e outra com um novo escorrega.

O novo escorrega terá sessenta metros de comprimento e, no meio do trajeto, haverá uma câmara automática para fotografar os nadadores enquanto deslizam — inspirado numa das atrações do famoso parque de diversão Bobbejaanland.

No fim, podem adquirir a fotografia num porta-chaves, ou impressa em vários estilos: normal, com piratas ou com golfinhos.

A sauna e a hidromassagem continuam, mas vão ser renovadas.

As autoridades municipais optaram por construir um novo complexo de piscinas, em vez de investir na renovação do antigo. Afirmam que o diferencial de custos será amortizado em cinco anos. E, sim, no orçamento incluíram despesas imprevistas e trabalhos de manutenção.

As novas piscinas só abriram em fevereiro de 2017. Menos de um mês depois, foram obrigadas a encerrar temporariamente: durante umas aulas de natação infantil, as águas libertaram gases tóxicos de cloro. Três meses mais tarde, um grupo de nadadores habituais do horário da noite bate com o nariz na porta porque «financeiramente não era viável manter a piscina aberta depois das 18 horas».

Terá o fiasco da piscina realmente levado o arquiteto a atar uma corda num tubo suspenso junto do teto da casa das máquinas e depois a dar um pontapé no tamborete debaixo dos seus pés? Quando vale a pena morrer por causa de um fracasso? Na realidade quero perguntar: quando é que um engano se torna maior do que a vida, tão descomunal que a própria vida se torna um fracasso? Onde fica a linha que separa o criador da sua obra?

O meu trajeto tem início em Turnhout, a minha terra natal, que é onde a maioria das histórias começa, e levou-me a treze obras arquitetónicas que foram fatais para o seu criador. No decorrer de três anos visitei estes «lugares malditos». O meu objetivo era reabilitar estes arquitetos caídos, encontrar

as suas faces perdidas, contrariar a inutilidade do seu desespero, o carácter absoluto do seu suicídio. Em momentos de megalomania, cheguei a pensar que talvez conseguisse recuar no tempo e impedi-los. Foi, pelo menos, o que disse a mim própria no princípio.

II

IGREJA DE SAINT-OMER, VERCHIN (1607-1676)

JEAN PORC († 1611)



Se eu mesma tenho a sorte de viver próximo de uma torre sineira torcida? Procuro responder à pergunta com um tom de decepção apropriado. Afinal de contas, Madame Maquin é nem mais nem menos do que a orgulhosa presidente da Association des Clochers Tors d'Europe. Há quatro anos, quando o seu antecessor se demitiu das suas funções da associação europeia de torres sineiras torcidas, propô-la a ela como sendo a sucessora mais apta. Foi uma surpresa total. A presidência tem um mandato de sete anos, não é uma decisão que se tome de ânimo leve, mas, para ela, é sobretudo uma honra.

– Além disso, é a primeira mulher presidente – interrompe-a o marido, Monsieur Maquin. Os dois sexagenários acabam de chegar de uma viagem de automóvel de duas horas e meia para se encontrarem comigo junto à Igreja de Verchin, uma pequena vila com pouco mais de duzentos habitantes, escondida entre estradas campestres, em Pas-de-Calais, a dois quilómetros da nascente do rio Lys.

Vista da estrada, a torre sineira torta da Igreja de Saint-Omer parecia um dos ramos despídos dos castanheiros-da-índia alinhados na entrada da vila. Só quando me aproximei da igreja a perspetiva se ajustou, esse ramo torto não nascia de uma árvore, mas do topo da igreja, como o chapéu flácido de um mágico.

A casa em frente à igreja está à venda. Ao lado fica uma loja de bricolagem com um estacionamento para três carros.

De vez em quando, passa um camião que usa a estrada principal como atalho. De resto não há outros sinais de vida no centro de Verchin. Provavelmente os habitantes espreitam por detrás das cortinas e das persianas corridas. Mal cheguei a este lugarejo bisbilhoteiro, Madame Maquin reconheceu-me pela minha atitude de forasteira. Não acredita que sou assim tão jovem — uma escritora belga, imaginava uma pessoa completamente diferente —, mas recebe-me cordialmente e Monsieur Maquin, mal me viu, começou logo a fazer planos para o rejuvenescimento da associação.

O que faz a associação exatamente? Sobretudo contactar os média, promover o intercâmbio e, claro está, fazer investigação. É preciso recolher e divulgar a maior quantidade de informação possível sobre as torres sineiras torcidas. Das oitenta e duas *clochers tors* existentes na Europa, metade foi descrita no primeiro dos dois volumes, ainda em preparação, do extenso estudo que a associação pretende publicar. Monsieur Maquin foi buscar o livro à mala do carro. Eles próprios ainda não visitaram todas as torres descritas, mas esse é um dos seus sonhos. Cada vez que conhecem uma nova, carimbam o livro como se fosse o passaporte da sua peregrinação.

Até ao momento, o campanário torcido preferido de Monsieur Maquin é o de Chesterfield, feito inteiramente de chumbo, muito robusto. Madame Maquin, na qualidade de presidente da associação, prefere não tomar partido, mas admite que o de Verchin é extraordinário.

— É como se cumprimentasse os transeuntes com uma reverência — diz, encantada.

Devido a obras, a câmara municipal está temporariamente alojada num contentor nas traseiras da igreja. O latido agressivo

de dois pastores-alemães encaminha-nos por uma estrada arenosa na direção certa. O presidente da câmara de Verchin, Monsieur Lamourette, aguarda-nos no seu gabinete provisório. Ao entrar, somos atingidos por uma sufocante rajada de ar quente proveniente de um aquecedor elétrico que mantém o contentor a uma temperatura tropical. Ao lado do aquecedor há um armário arquivador e uma máquina de café, e em frente seis cadeiras desdobráveis e duas mesas singelas. A uma das mesas está o secretário, escondido por detrás de um sibilante *MacBook Pro* — imagem anacrónica nesta vila onde a revolução digital parece ter passado ao lado. Detrás da outra mesa, o presidente da câmara levanta-se. O tampo está praticamente vazio, tirando uma almofada de tinta no canto direito, com um carimbo, aguardando licença para timbrar. O presidente Lamourette recebe-nos com um enérgico aperto de mão que impõe respeito. Sublinha que teve de arranjar tempo na sua preenchida agenda para o nosso pequeno clube amador de apaixonados por torres sineiras torcidas e apressa-se a acrescentar que não devemos ter ilusões: não é permitido ver o interior da igreja. O edifício está na iminência de derrocada.

O café que o secretário nos serviu, em combinação com o calor asfixiante do aquecedor, provoca-nos de imediato uma forte dor de cabeça. Em seguida, um homem particularmente baixo, que deve rondar os oitenta, entra quase a dançar no contentor. Trata-se de Monsieur Defebvin, representante local da associação e especialista em Verchin. Dirige-se a nós em picardo. Os sons ásperos do dialeto nortenho tornam o seu francês incompreensível, como se a cada palavra cravasse um prego na boca. Refugio-me nos meus pensamentos, mas não deixo de reparar que lhe falta a ponta do dedo indicador na mão direita. Defebvin ignora-me, parece só ter olhos para a presidente

Madame Maquin, enchendo-a do que suponho serem elogios. O marido não parece minimamente incomodado com a adulação, antes pelo contrário, recebe os louvores como se lhe fossem dirigidos a ele. Como terá Defebvin perdido a falangeta?

Só quando Madame Maquin repete as suas frases lentamente num francês polido, percebo que ele ficou incomodado com o assunto que motivou a minha visita.

— Esta é uma vila católica com uma igreja famosa — protesta Defebvin —, todos temos orgulho na torre sineira de Saint-Omer, justamente por ela ser tão autêntica e excecional. Segundo os critérios da época, é uma obra-prima! E agora a senhora vem cá em busca de uma história sensacionalista?

— Acho que não — respondo. — Por motivos pessoais interesse-me por fracassos arquitetónicos. Em especial por fracassos que se revelaram fatais para o arquiteto. Ou seja, que levaram o arquiteto a tirar a sua própria vida. *Le suicide*?

Monsieur Defebvin ter-me-ia dado um estalo se tal me fizesse engolir a última palavra. Os seus olhos lançam chispas, mas ele consegue controlar-se.

— O arquiteto, quem quer que tenha sido, não se atirou da torre da igreja — declara num tom autoritário. — Porque haveria de o fazer?

A pergunta contém um certo desafio, a sua convicção pretende fazer pouco de mim, das minhas suposições, das minhas suspeições românticas. Não, essa história antiga de que o arquiteto humilhado se teria atirado da torre por ela estar torta não passa de investigação medíocre baseada em boatos. Além do mais, esclarece ele — especialista na matéria —, uma teoria que nem sequer é minha. Foi pena eu ter percorrido cento e setenta e cinco quilómetros para ouvir o que já deveria saber de antemão.

Que fio secreto liga edifícios tão separados no tempo e na geografia como a Biblioteca Nacional de Malta, a Ópera Estatal de Viena, a Igreja de Saint-Omer ou a piscina municipal de Turnhout, pequena localidade belga de onde é originária a autora deste livro? Construídos em épocas e locais diferentes, todos eles têm em comum o drama pessoal que desempenharam na vida de quem os projetou. Foram criações falhadas, disfuncionais, incompreendidas, mal recebidas; fracassos arquitetónicos que se revelaram fatais para os seus criadores levando-os a cometer suicídio.

Estreia na prosa da conceituada poeta belga Charlotte Van den Broeck, *Projetos Arriscados* constitui uma viagem fascinante pela história desconhecida de treze obras de arquitetura e o destino trágico dos seus criadores; uma indagação pessoal e literária pelos segredos, tormentos e prodígios da criação artística e da sua receção.

«Uma pequena maravilha.»

The New York Times

«Um estilo poético depurado, que alterna entre pensamentos filosóficos, factos históricos e observações pungentes.»

Cutting Edge



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)



[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-583-644-4



9 789895 836444